



Júlia Bezerra • Lucas Reginato

MANGUEBEAT

Guitarras e alfaias da lama
do Recife para o mundo



Realização:



© Júlia Bezerra e Lucas Reginato

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diagramação
Elis Nunes

Diretora comercial
Patty Pachas

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Revisão
Marina Ruivo

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Impressão
Loyola

Assistentes editoriais
Mayara dos Santos Freitas
Roberta Stori

Assistente de arte
Mislaine Barbosa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bezerra, Júlia

Manguebeat: Guitarras e alfaias da lama do Recife para o mundo / Júlia Bezerra,
Lucas Reginato. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2017. 176 pp.

ISBN: 978-85-7888-622-6

1. Música. 2. Manguebeat – Recife (PE) – História. 3. Música popular – Brasil –
História. I. Reginato, Lucas. II. Título.

16-36242

CDD: 782.42164098134
CDU: 78.067.26(813.4)

2017

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

A Chico Science

SUMÁRIO

Introdução, 9

Fred Zero Quatro

De Jaboaão ao mundo livre de Candeias, 13

Renato L.

Resistência do rock no Recife, 21

Chico Science

Menino-caranguejo de Olinda, 31

Gilmar Bola Oito

Som e luta no Lamento Negro, 51

Otto Maximiliano

Os olhos azuis do batuque nordestino, 63

Hélder Aragão

O primeiro punk de Sergipe, 75

Carlos Eduardo Miranda

Desafios do mercado fonográfico, 83

Ariano Suassuna

O grão-mestre da cultura popular nordestina, 103

Jorge du Peixe

A grande missão de um magueboy, 149

Referências bibliográficas, 171

Agradecimentos, 173

INTRODUÇÃO

A comunhão de povos das mais diversas origens fez do Brasil no século XX um fantástico laboratório de ritmos e melodias. Dos sambas de escravos recém-libertos na Bahia à colorida música eletrônica de indígenas no Pará, canções tristes e alegres narraram a vida nacional para quem quisesse ouvir. Nos anos 1960 e 1970, em São Paulo, egressos da bossa nova carioca agitaram uma nova cena que daria origem ao termo MPB. Na década de 1980, a periferia do Rio de Janeiro foi invadida pelo funk norte-americano de James Brown e acabou recriando o estilo por completo. Os anos 1990 ficaram marcados por testemunharem o encontro do rock e do hip-hop com o maracatu no Recife, resultando em uma mistura que ficou conhecida como manguebeat. Esses três movimentos foram escolhidos para compor uma coleção de livros que homenageia a riqueza e a diversidade da música brasileira. Neste volume, você irá conhecer a história do *Manguebeat*, cena cultural nascida no Recife, marcada tanto pela inovação musical como por uma inesperada tragédia – a morte precoce do líder Chico Science, no auge da carreira.

* * *

Considerada metrópole do Nordeste, Recife é a capital de Pernambuco, estado nomeado em homenagem ao pau-brasil (*pernambouc*, em francês), extraído aos montes por lá e mandado para a Europa para se transformar em arco de violino. É cortada pelo rio Capibaribe, sobre o qual se construiu uma série de pontes que permitem o fácil traslado de uma margem a outra e em cujo leito vive um ecossistema fértil com mais de 2 mil organismos, conhecido como mangue.

A noção de progresso, no entanto, é uma fachada. Quando olhada de frente, Recife vira *hellcife*: o inferno à beira-mar. No início da década de 1990, o Population Crisis Committee (PCC), comitê norte-americano sem fins lucrativos que trabalha pela conscientização social em relação ao crescimento populacional em países subdesenvolvidos, classificou Recife como a quarta pior cidade do mundo para morar. A crise econômica da década de 1980 – a “década perdida” – havia castigado a cidade, que detinha o maior índice de desemprego do país, provocado por uma retração agressiva da produção industrial. Mais da metade de seus habitantes eram pobres, favelados e esfomeados.

Com a inflação batendo recordes e a volatilidade dos mercados, estabelecimentos comerciais mal se mantinham de pé. Uma cidade nessas condições não poderia prover uma estrutura decente de lazer a seus habitantes, muito menos um circuito ativo de vida noturna. A juventude se virava para se divertir por conta

própria, muitas vezes dentro de casa mesmo, na companhia dos amigos e da bebida mais barata da vendinha da esquina.

Na zona portuária, próxima ao marco zero da cidade, perambulavam prostitutas, cafetões, marinheiros e contrabandistas, que buscavam sobreviver em meio a tanta desigualdade social. E, como se isso não bastasse, os efeitos degradantes não eram sentidos apenas pelos habitantes humanos de *hellcife*. Os rios e estuários do Recife, a alma verde da cidade, agonizavam ao pagar o preço do que se costumava chamar “progresso”.

* * *

Aos olhos de fora, contudo, Pernambuco era colorido, festeiro e esbanjava folclore brasileiro. Um predomínio absoluto de valorização da música regional de raiz isolava Recife do circuito de polos da música nacional. As portas eram praticamente fechadas para quem tentasse desafiar os padrões e criar um som nordestino antenado com seu tempo.

Nesse cenário aparentemente inóspito, um grupo de artistas do gueto do Recife se uniu para criar o movimento manguebeat, ou “batida do mangue”. O “mangue” era o que ainda restava do organismo vivo da cidade, e o “beat”, um impulso elétrico que ele necessitava para voltar à vida. Para resgatar a cidade, seriam

acionados os *Chamagnathus granulatus sapiens*, os “caranguejos com cérebro”. Outrora soterrados pela enérgica lama do mangue, esses seres se reergueriam para revelar os surpreendentes frutos daquele ambiente tão fétido e tão fértil.

FRED ZERO QUATRO

De Jaboaão ao mundo
livre de Candeias

FRED RODRIGUES MONTENEGRO VEIO AO MUNDO EM 11 de julho de 1965, em terra de revolucionários: Jaboatão dos Guararapes, município do Grande Recife, é conhecido por ter sido palco das Batalhas dos Guararapes, em 1648 e 1649, que resultaram no término das invasões holandesas no Brasil Colônia.

Apesar de a região praiana, próxima ao litoral sul do Recife, ser mais populosa, Frederico cresceu no interior do município, a cerca de vinte quilômetros da metrópole. O ambiente suburbano e conservador combinava com a figura do pai, José Rodrigues Montenegro – o Zelito –, militar de personalidade agitada. Como boa parte da classe média da década de 1970, ele apoiava o regime ditatorial que havia sido instalado no país em 1964, por meio do golpe civil-militar. Não apenas o Exército, mas também a grande mídia, as elites e parte considerável da população estavam engajados na derrubada do presidente democraticamente eleito, João Goulart, em favor da instalação de um governo militar. A consolidação do apoio popular veio logo no início do novo regime, depois de medidas estratégicas que resultaram no chamado “milagre econômico”, período caracterizado por níveis excepcionais de crescimento da indústria.

Fred perdeu as contas de quantas vezes a família – composta pela mãe, dona Eliete, o pai, Zelito, e cinco filhos – mudou de endereço ao longo de seus primeiros nove anos de vida. Em 1974 foram parar na capital pernambucana, no bairro de Afogados, mas no ano seguinte voltaram a Jaboatão, estabelecendo-se dessa vez em Piedade, no litoral. Fred já estava acostumado a pingar de casa em casa quando se mudou para a avenida Abdo Cabus, em Candeias, região vizinha a Piedade, onde, finalmente, a família se acomodou. Já com 12 anos, ele passaria lá o restinho da infância e toda a sua adolescência, culminando na fundação da banda Mundo Livre S/A, que, junto com Chico Science e Nação Zumbi, funcionaria como propulsora da cena musical do Recife.

* * *

Se tinha algo que derretia o patriarca da família Montenegro era a música. O vozeirão afinado do pai de Fred parecia ter sido feito para a seresta, gênero musical que predominava nas varandas das casas do interior de Jaboatão. Mas, curiosamente, o gosto musical do militar durão não se deixava contaminar por seus ideais conservadores. Da maneira mais inusitada, entre um Altemar Dutra e um Nelson Gonçalves, ouvia-se, no toca-discos da residência dos Montenegro, o som atrevido de Jorge Ben, Elza Soares, Jair Rodrigues, Miltoninho e Wilson Simonal.